

A DOENÇA E OS ÚLTIMOS DIAS DE MARCEL PROUST

Adriano Pondé

Tudo vale a pena, quando
a alma não é pequena ...

Fernando Pessoa

Foram os últimos dias de Marcel Proust torturados com a evolução terminal duma pneumopatia crônica obstrutiva. Desde os verdes anos que a asma o perseguia. E, entretanto, a doença que lhe fora uma companheira pertinaz e tanto o mortificara exerceu um papel de significativa importância na construção de uma obra singular, permanente como a de Dostoiewsky, Shakespeare, ou Nietzsche ... Pode-se dizer, sem receio, que Proust reinventou a arte do romance e da crítica literária. Com ironia, satirizou uma sociedade opulenta que teve de enfrentar a tragédia da *Universitas*, Salvador Nº 21: (69 - 93) 1978.

Primeira Guerra Mundial e penetrou com desenvoltura numa região que os grandes romancistas não tiveram a coragem de analisar às claras, devassando o universo das **minorias eróticas**...

Não hesitou em lançar o comentário ácido sobre aqueles grupos refinados que frequentavam os salões aristocráticos, uma análise corrosiva dos que acudiam ao **Faubourg Saint Germain**, autômatos e títeres, a se movimentarem de acordo com as determinações e normas da vida mundana e fútil, gentes que aquela sociedade deitara a perder, Swanm, Charius, Legrandin, os Verdurin... e os que se salvaram (como analisou Georges Cattau), porque responderam ao apelo da vocação feraz, com o vigor de um trabalho sério: Bergotte, Vinteuil, Elstir... e, ainda mais, na expressão de Maritain, manifestavam uma lucidez psicológica que a própria retidão da consciência moral e do espírito mais aperfeiçoava, conservando-a pura. Entretanto, apesar da invejável posição social, não hesitou Proust em comprometer a na defesa de uma causa que considerava de toda justiça, o rumoroso processo a que fora levado o capitão Dreyfus. Com razão, escreveu Philip Kolb que Proust foi um autor dedicado à pesquisa da verdade: **Assuredly then, he deserves better than to be made the perennial victim of misinformation and misunderstanding about his aims and his accomplishments.** É isso mesmo: mal informados e sem a compreensão de seus desígnios e do próprio talento.

A vida de Marcel Proust é, sem dúvida, o testemunho do permanente esforço para adaptação à doença, para a resistência ao sofrimento... Chegou até a dizer que “a idéia da morte o acompanhava com a mesma constância quanto a da própria identidade”. George Cattau suscita que o prazer na dor e na atribulação deveria, em parte, ser creditado ao sangue judeu de Proust, que o levava a considerar com desprezo “o mundo inumano do prazer”, e a defender o princípio de que toda a criação tem que exigir ascese e sacrifícios. Para ele, a arte traduzia um valor absoluto. E a própria obra literária mostra muito bem a relação que existiu entre o romancista e o mundo que procurou apresentar ao leitor. Já se disse que a doença está para o romance de Proust, como o dinheiro na estrutura da **Comédie Humaine** ... Ele foi o Balzac do fim da alta burguesia; escreveu como disse PAINTER, o epitáfio da aristocracia francesa.

Marcel Proust nasceu sob o signo da tragédia. Viu a luz do dia, em 10 de julho de 1871, depois de uma gravidez atormentada pelo cerco de Paris e as lutas da comuna. Era uma criança tão débil que ninguém acreditou pudesse sobreviver. Entretanto, vingou. Duas damas de caráter excepcional se conjugaram nos esforços para criá-lo, transmitir-lhe uma boa educação e aprimorar aquela inteligência, que desde o alvorecer já se anunciava privilegiada: a avó, a Sra. Adele Brancastel, conhecedora profunda das obras primas da literatura francesa, no grande século de Luís XIV — e a mãe, a Sra. Jeanne Clemence Proust, que pela alta

situação econômica da família, tivera uma formação esmerada e, por isso, além de dominar o inglês e o alemão, idiomas em que se expressava correntemente, também era familiarizada com o latim e o grego. Não é de espantar que tenha sido uma grande apreciadora de Mme. de Sévigné, como também o foi a avó do narrador. Por certo que, ao lado dela e não pela convivência do solene Prof. Adriano Proust, foi que Marcel assimilou ou confirmou a nota irônica, o senso de comicidade que não deixaram de influir-lhe na ótica em que analisou os seres e as respectivas ações. Com efeito, o que se pode afirmar nas relações entre ambos, comentou Ferré, é que a presença materna, fora de dúvida, exerceu uma influência moderadora e ponderada, tanto quanto poder-se-á deduzir da correspondência trocada entre ambos. De Léon Pierre-Quint é também o conceito de que a presença materna inspirava ao escritor o repúdio à mentira, o escrúpulo e o prazer do sacrifício, porém, acima de tudo, uma bondade infinita.

Contava Robert (1), irmão do escritor, que numa tarde de maio de 1880 — quando estava Marcel para completar nove anos de idade — ao regressar com a família de um passeio pelo Bosque de Bolonha, fora este assaltado por uma crise de sufocação e de forma tão violenta que o pai — o professor Adrien Proust, grande expressão na Medicina internacional — ficou de tal sorte horrorizado a ponto de acreditar que iria vê-lo morrer em seus braços. E, ainda árquejante, teve o menino de ser conduzido até Auteuil, para a casa de campo do tio Luís Weil, onde ficou cercado de todos os cuidados, polarizando as atenções e carinho da família.

Thelma Volckmann-Delabesse admitiu que o incidente, em sua expressão psicossomática, encontra uma explicação nesse fato que teria profundamente transtornado Marcel. Na época, os meninos se trajavam com vestes semelhantes às das meninas e só quando atingiam os sete anos, a que se atribuía a **idade da razão**, é que começavam a usar calças. Ora, sucedia que, a 24 de maio daquele ano, Robert vencia o referido prazo e passava a usar, de então em diante, trajes masculinos como os de seu irmão mais velho; e este vê, nessas condições, desabar a superioridade que tanto o lisonjeava: daí, o fator desencadeante do ataque asmático. Uma circunstância, todavia, por todos assinalada, é que as relações entre os dous irmãos nunca foram íntimas, embora jamais deixassem de ser polidas e afáveis. A divergência temperamental entre eles sempre foi muito acentuada. Se Marcel, desde a infância, era um hipersensível e ansioso, Robert, em contrapartida e não obstante a dupla herança cristã e israelita — mostrava-se dotado de grande equilíbrio e perfeitamente adaptado às realidades da vida. O que a origem semita aguçou no criador de Swann, Bloch e Nissim Bernard — comenta André Ferré — foi a curiosidade em relação aos tipos judeus e à sociedade israelita. **Trahit sua quemque voluptas**, como o disse Virgílio, nas **Éclogas** ...

A interpretação, todavia, daquela primeira crise asmática não é unânime. Há os que consideram de capital importância o episódio, em Combray, do beijo materno “perdido e recuperado”, como tendo sido “o golpe decisivo na vida infantil de Marcel”. A cena está descrita nas primeiras páginas de *Jean Santeuil* e na introdução de *A la Recherche du Temps Perdue*. Proust evocaria aquela noite, em que, apesar da mensagem insistente que fizera chegar à mãe — ocupada em receber uns amigos que visitavam o casal — decidira não atendê-lo na exigência de subir ao quarto, e beijá-lo antes de adormecer. Com isso, aquela explosão de desespero, que só terminou pela concessão de seus desejos, até mesmo com a anuência paterna, em geral difícil de conquistar. Seria com o propósito inconsciente de recuperar o amor materno e, simultaneamente, punir a própria mãe pela recusa, que Marcel haveria adoecido. O episódio ainda é reproduzido, embora modificado com a introdução de outras cenas, nas páginas de *Du Côté de Chez Swann*. Não pode haver dúvidas, todavia, que a cena do beijo materno recusado tenha exercido uma sensível influência na vida do escritor. Admite Maurice Bardeche que esta cena de ternura deixou moça na sensibilidade infantil — depois, no adolescente — e, a seguir, impressionou o mancebo — no qual viria inserir-se ulteriormente a necessidade de Albertina que teria sido talvez Alberto; e, passante a morte dessa, a inclinação que surgira o preparava para uma outra.

A cena relata, na opinião de Ghislaine Florisval, a experiência do complexo de Édipo. De chofre, surge a figura materna como o primeiro objeto de ternura e de admiração, que ampara a criança nervosa na plenitude afetiva.

Parece que, depois desse episódio dramático do primeiro acesso de asma, as manifestações respiratórias pouca influência tiveram, durante algum tempo, no estado de saúde do jovem Marcel; ou, se as houve, devem ter sucedido com importância relativamente reduzida. Assim é que apenas se consigna não ter sido um menino como os outros de sua idade, uma criança que pudesse correr e saltar à vontade ... Poucas referências se encontram quanto aos primeiros tempos da vida escolar. Quando muito, nas páginas de *No Caminho de Swann*, surgem alusões um tanto vagas aos colóquios com os companheiros de estudo sobre tudo o que fosse teatro: “Todas as vezes, em que mal o professor voltava a cabeça, comunicava-me com algum novo amigo e a primeira pergunta que lhe fazia era se já fora ao teatro e se não achava que o maior ator era realmente Got, o segundo Delaunay, e assim por diante”. É dessa época, o episódio dos bolinhos chamados *Petites-Madeleines*, que parecem ter sido moldados na valva estriada de uma concha de S. Tiago⁽¹⁾. “Aca-

brunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um outro tão sombrio quanto o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá, em que deixara amolecer um pedaço da madalena. Mas, no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de causa. Esse prazer logo me torna indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como faz o amor, transbordando-me uma essência preciosa: ou, antes, essa essência não estava em mim; era eu próprio”.

A assiduidade aos estudos é certo que ficou muito prejudicada; em parte, é provável, por motivo de doença. Admitiam, todavia, os pais que as ausências do aluno nem sempre poderiam ser atribuídas à má saúde, nem à indolência, mas antes “a uma falta de vontade”; e Marcel, influenciado por esta opinião, modelou o caráter de personagens por ele criados em dous romances.

O fato é que a demorada permanência na terceira classe não deve ser atribuída simplesmente à doença, e sim também a um episódio amoroso: a grande paixão, aos quinze anos, por Marie de Bénardaky — e que, mais tarde, daria ao autor de *La Recherche* uma parte dos traços em que apresentou Gilberte Swann, nos Champs-Élysées. Depois dessa fase, ainda quando estudava no Condorcet, freqüentou com assiduidade a Closmenil, uma das famosas cortesãs da época.

O certo é que, apesar de todos os contratempos, acabou Marcel por conquistar brilhantes resultados nos estudos. Absorveu sem maior dificuldade os autores gregos e latinos. Maxime Gaucher, crítico literário da *Revue Bleue* e professor de retórica, descobriu-lhe através da correção dos deveres escolares as primícias de um escritor. Era um homem destinado a despertar vocações.

O que mais, entretanto, atraiu o jovem Marcel foi o curso de filosofia, iniciado em outubro de 1888 e ministrado por um mestre eminente, o professor Marie-Alphonse Darlu, “cuja palavra inspirada — mais fácil de subsistir do que aquela que deixava escrita — nele”, como em tantos outros, estimulava o pensamento. Despertou o mestre na viva inteligência do aluno o prazer dos grandes sistemas. Visitava-o com freqüência. Discutiam Platão. Darlu era tanto mais exigente quanto reconhecia os dons do aluno.

Segundo Albert Thibaudet, foi esta convivência que lhe abriu os caminhos para a incorporação do romance num domínio, e ainda comunicar-lhe um estilo, que só, até então, pertencia aos filósofos.

Darlu representava o tipo do grande universitário que se poderia chamar apenas professor, devotado ao ensino pela palavra e pelo exemplo — influência mais limitada é provável, comenta André Ferré, todavia mais firme e penetrante que a fria letra de forma — e fluindo de seus lábios, no depoimento de Xavier Léon, para transmitir o fervor do próprio entusiasmo filosófico — comunicar a fascinação pelas idéias que o dominavam — inflamar a fé moral, produzir vocações e fixar destinos para sempre...

De qualquer sorte, foi com Darlu que Marcel aprendeu a filosofar, “partindo do concreto, do cotidiano, do vulgar nas aparências, para disso tirar as vantagens”. A exemplo do mestre, adquiriu o hábito tão característico no próprio estilo narrativo, de prolongar a relação dos fatos em comentários que se inscrevessem em determinada lei filosófica.

Aprendeu na lição de Darlu que não é na amplitude intrínseca que se encontra o valor do fenômeno, “**mais dans le pouvoir de l'âme qui les réfléchit ou d'attache à eux**”. No magistério, tinha Darlu a profunda convicção de que o ensino da Filosofia deveria considerar, afora os conhecimentos que são indispensáveis adquirir, o exercício de uma atividade individual do espírito, para a elaboração do pensamento na realidade independente.

Robert Proust, que dele fora discípulo um ano depois do irmão, dizia do mestre que este possuía uma forma toda pessoal e intuitiva, um modo de exposição quase poético, que agradava infinitamente a Marcel e mostrava que o pensamento filosófico poderia ser transmitido numa forma harmoniosa e plástica.

Atraíram também a Marcel, já na Sorbone, as aulas de Henri Bergson, de quem era parente por afinidade, e cuja filosofia se disse e repetiu ter também influenciado o romance proustiano; afirmativa esta que é contestada pelo próprio escritor, quando declara que “suas pesquisas coisa alguma devem a Bergson, porquanto estas repousam na distinção entre a memória voluntária e a memória involuntária, o que Bergson justamente passou em claro”. Esta é a que nos assalta de repente, provocada por uma circunstância fortuita, uma sensação qualquer, visual, auditiva ... despertando-nos o passado: **nous sentons combien ce passé était différent de ce que nous croyions nous rappeler**. Pedro Nava explica o tema no **Bau de ossos**: “No que se precisa esquecer, nisto, a memória é exímia. Desvia na hora certa e suprime o couro para evitar o divã de couro empapado de lágrimas. Duas coisas sucedem ou são feitas no mesmo dia. Entretanto, o tempo igual passa desigual sobre cada... Há assim uma memória involuntária que é total e simultânea. Para recuperar o que ela dá, basta ter passado sentindo a vida; basta ter, como dizia Machado **padecido no tempo**”.

Poderemos, então, dizer, como o fez Maurice Bardeche: “Ver-se-á, depois disso, como estará enganado aquele que pretenda associar Proust a Bergson e acrescenta: “Se há uma ‘filosofia’ de Proust esta é uma “fenomenologia da percepção””.

— Já outros encontram na obra do solitário da rua Hemelin idéias inspiradas no autor da **Crítica da razão pura**: “Proust chegou à conclusão kantiana de que não conhecemos o mundo tal como existe em si, mas unicamente através das representações de nossa sensibilidade e dos conceitos de nossa mente, que possuem apenas um valor subjectivo”. Assim escreveu, inspirado evidentemente na doutrina de Kant: “O homem é o ser que não pode sair de si mesmo, porque só conhece o próximo em si mesmo”.

Em Marcel, a precocidade da inteligência muito aguda impressionava os companheiros de curso. Os mais atilados já sentiam que estavam na presença de uma inteligência fora da craveira comum; e, sem dúvida alguma, era para considerar-se um homem de gênio. Havia, entretanto, uma outra face da personalidade que os intrigava, e até mesmo a alguns chegava a irritá-los. A humildade artificiosa parecia-lhes uma impostura; e, ainda mais, com aquele certo toque de feminilidade. Achavam-no outros um tanto **pegajoso**... No **Jean Santeuil**, referiu-se o autor a uma sensibilidade doentia e delicada, que o fazia “transbordar de amor”, à menor expressão afetiva. Corria então a notícia de um Marcel Proust frívolo, ostentador ... esnobando. Do mancebo desta época traçou-lhe Robert Dreyfus, trinta e cinco anos mais tarde o perfil meloso e pedante. Criaram até a expressão **prustificar** ... A vocação literária, entretanto já lhe amanhecia.

Retornando, porém, ao problema da asma bronquial, apraz-nos referir que o Dr. Robert Soupault — notável cirurgião francês, e entre os melhores biógrafos de Marcel Proust — admite a possibilidade de que as indisposições de saúde alegadas pelo jovem aluno durante o curso liceano seriam devidas à própria asma. Tais suposições estão fundadas na circunstância de que o estio de 84 fora o último em que o jovem passou em Illiers, desde quando admitira o pai a inconveniência das flores e do campo para a saúde do filho, então aos treze anos de idade; daí por diante, passava este as férias em companhia da avó, nas praias da Mancha, em Tréport, ou em Cabourg, lugares em que a atmosfera não lhe era maléfica, posto muito batida pelo vento e açoitada pelas chuvas.

A partir dessa época, até mesmo depois do voluntariado em Orléans por 1889, quando completou os vinte anos de idade, nenhuma

perturbação grave de saúde ficou apontada na história clínica. Entretanto, é permitido inferir-se, através da correspondência do adolescente e das cartas maternas, que, nas indisposições alegadas e lamentadas, haja certa relação com as manifestações alérgicas, em particular de natureza respiratória. No serviço militar, constam dos assentamentos, no 76º Regimento de Infantaria, as repetidas ausências, que eram toleradas pela complacência dos superiores; e, ao lado disso, as permissões para idas e vindas a Paris fazem também suspeitar a ocorrência de manifestações mais ou menos atenuadas do processo mórbido, em sua evolução, a fogo morto, que o levariam a consultas médicas. A vida na caserna lhe transcorrera suave, graças as influências políticas e sociais do Prof. Adrien Proust.

Como é fácil de imaginar, não foi Proust um bom militar: classificou-se como o penúltimo entre os 64 elementos do pelotão de Instrução. Era um infante que mal se ajustava na farda; vêmo-lo, nas fotografias, engolfado num capote militar, em atitude forçada, compondo um aspecto desgracioso. Em outubro de 1890, obtinha baixa do serviço militar. Neste mesmo ano, morreu-lhe a 2 de janeiro a avó materna, a Sra. Nathée Weil.

A 15 de julho de 1889, conquistava o bacharelado em Letras, com um segundo prêmio em Matemática, o terceiro em Física e o prêmio de honra em Filosofia. Inscreveu-se, em Novembro do ano seguinte, na Escola de Ciências Políticas e na Escola de Direito; porém, somente foi admitido em 92: na primeira, em agosto e, na segunda, em novembro. Na Escola de Ciências Políticas, seguiu os cursos de Albert Sorel, Anatole Leroy-Beaulieu e Albert Vandal. Neste mesmo ano, fazia uma estação em Traouville e escrevia, em agosto, *Violante ou la Mondanité*, que mais tarde incluiu no texto de *Les Plaisirs et les Jours*. Depois de um revés, na prova oral do segundo ano, concluiu a 10 de Outubro de 1893, o curso de Direito.

No estio de 1889, fora Marcel recebido no salão da Sra. Armand de Caillavet (a Sra. Verdurin, no romance), a egéria de Anatole France, a quem o apresentou, aproximando-os. O autor de *Le Jardin d'Épicure* vem a ser o Bergotte, na *Recherche*. Algum tempo depois, penetrava na alta sociedade parisiense e freqüentava os salões famosos, como os das Sras. Auberman e Madaleine Lemaire, a qual o recomendou à princesa Mathilde (sobrinha de Napoleão), mimoseando-o esta, tanto quanto a baronesa Alphonse de Rothschild e a fascinante Sra. Straus, cujo filho fora seu companheiro na Sorbone. Nas reuniões desta última, o romancista conheceu Charles Haas, "o único judeu que a sociedade francesa aceitou, sem ser imensamente rico". Numa noite, em casa de Madeleine Lemaire, lá por 1893, teve aproximação com Robert de Montesquiou-Fzensac, que vai figurar no romance com o nome de Barão de Charlus, e de quem sofreu a influência estética, a termos da Sra. Clermont-Tonner-

re ver nisso “uma verdadeira transfusão de pensamento”. Naquele ano, publicou o jovem escritor dous trabalhos no *Le Gaulois*: um, em janeiro, sob o título “Un diamanche au Conservatoire”; e outro, em dezembro: “Figures parisiennes”.

Naquela quadra, exigiu-lhe a família que tomasse na vida uma atitude pragmática e se definisse entre a diplomacia, o Tribunal de Contas, ou um escritório de advocacia. Resistiu, porém, Marcel e repeliu as sugestões, retorquindo com firmeza que qualquer insistência haveria de ser em pura perda, pois nada o interessava além das Letras e da Filosofia. Diante da obstinada resistência, capitulou a família e anuiu com a matrícula na Sorbone, obtendo nesta a licenciatura em Letras, em março de 1895.

Foi então quando se submeteu a um concurso para o posto de adido não remunerado na Biblioteca Mazarino, na qual funcionou com muita irregularidade, licenciando-se por um ano e, por fim, renunciando à colocação sob o pretexto de que o manuseio de volumes poeirentos lhe determinava reações de alergia nasal, que procurava combater com pulverizações de eucalipto, tantas vezes sem resultado algum... como seria de esperar. Em Outubro de 95, passava uma temporada em Beg-Meil, estação balneária no Finistère, na Baixa Bretanha, comuna de Fouesnant.

A partir dos 20 anos, os acessos asmáticos foram-se tornando mais graves, posto surgissem em períodos relativamente espaçados; e, por isso, não lhe causaram ainda grandes embaraços às atividades costumeiras. Em 1896, achando-se em Mont-Dore, em pleno período da fenação teve um episódio de asma febril: a “febre do feno”. Regressou apressado a Paris. No mesmo ano, publicou *Les Plaisirs et les Jours*, uma coletânea de trabalhos originais, com um lisongeiro prefácio de Anatole France, e belas ilustrações da autoria de Madeleine Lemaire. O trabalho ainda é ilustrado por uma formosa composição musical de um amigo, o Reynaldo Hahn. Alguns trechos constituem o esboço preliminar de temas que serão ulteriormente desenvolvidos em *La Recherche du temps perdu*; todavia, a bela e elegante publicação tinha uma apresentação demasiado preciosa, irritava muitos leitores.

Apreensivo, todavia, com a repetição mais freqüente das crises de coriza febril, procurava, em princípios de maio de 91, a consulta com o Prof. Eduard Brissaud, notável patologista e neurólogo de renome, colaborador de Charcot e Lasègue. Professor da Faculdade, — na qual lecionava Patologia Interna, — escrevera uma obra intitulada *Hygiène des Asthmatiques*. O mestre era um dos adeptos do iodeto de potássio nas afecções respiratórias, que prescrevia associado ao extrato tebaico, alternando-o com as inalações de piridina, introduzida na terapêutica por

German Sée. Defendia, também, o emprego do arsênico e o uso das águas minerais, em particular das sulfurosas, como Barèges, Cauterets, Uriage... Não consta que o doente houvesse adotado as prescrições do facultativo, — pelo menos à risca; mas, o certo é que, por essa época, experimentou toda a espécie de remédios: desde o nitrato de amilo, os elixires de Green e Ambrée, os cigarros de Espic, até as fumigações do pó de Legrás e da erva de Vétiver, mezinhas e tisanas das mais diversas e caprichosas. Os soníferos alternaram-se com os excitantes. Segundo a informação de Hermenegildo Sá Cavalcante — presidente da Sociedade Brasileira dos Amigos de Marcel Proust — em trabalho publicado em *Jornal das Letras* — conseguiu Marcel consultar um médico brasileiro, o Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, que fora aluno de Charcot e era um conhecedor seguro da flora de seu país, dedicando-se em especial ao estudo desta nas possibilidades de aplicação à terapêutica tradicional. Tal afirmativa foi corroborada, como se lê no trabalho de Sá Cavalcante, pelo humanista Paulo Carneiro, por Augusto Frederico Schmidt, Suzy Mant Proust e George Cattai, “quando num almoço proustiano, em 1958, no *Relais* do Plaza Athéné discutimos as mil facetas de *la Recherche* e as mil indiosincrasias da vida de Proust”. O *médecin brésilien* chegou mesmo a insinuar a Proust, porém sem convencê-lo, uma aproximação com o Prof. Bouchard, que desfrutava grande prestígio clínico, e de quem o escritor retirou elementos para descrever a figura do Dr. Cotard: “*Voilà un traitement, si vous lui en parlez, qui lui fournirait la matière d’une retentissante communication à l’Académie de médecine!*”

Informa Pedro Nava que, por essa época, Marcel teria mantido contatos com a Família Imperial brasileira, no exílio. Em Evian, no *Splendide Hotel*, conheceu o Príncipe Gastão de Orléans e a Princesa Izabel, de quem teria retirado traços para estruturar a personalidade da Princesa de Parma. “Não é extraordinário que Marcel Proust houvesse encontrado na Côte d’Azur a Pedro II e à Família Imperial, pois S.M., e côrte exilada, passavam os invernos em Cannes”.

A doença vai-se agravando. Apresentam-se os episódios com maior intensidade; as remissões, menos freqüentes e mais fugazes; em certas ocasiões, as crises chegam a ser subintrantes. Não são poucas as vezes em que falham os remédios usados e mostram--se inoperantes as cautelas e as providências adotadas, mais ou menos razoáveis. Perseguiam-no os temores da poeira e o receio dos odores bafientos, os aromas fortes. Por vezes ficava encerrado no quarto, durante longos períodos.

Em outubro de 92, consultara-se com o notável professor Henri-Louis Vaquez, dos mais respeitadas entre os cardiologistas de seu tempo. Médico dos Hospitais, professor de Clínica Terapêutica na Faculdade de Paris e, mais tarde, membro da Academia de Medicina. Deixou numerosos trabalhos, não só nos domínios da patologia cardiovascular, como no terreno da hematologia, em que descreveu uma entidade

singular, a poliglobulia primitiva ou policitemia vera, caracterizada por uma hiperatividade eritropoética da medula óssea.

Queixava-se Marcel, sobretudo, de palpitações e surtos taquicárdicos a que dava uma ênfase particular. Atribuiu-lhe o grande mestre toda aquela sintomatologia realçada e valorizada pelo consulente ao fator ansioso, considerando-os, com razão, isentos de um **substrato orgânico**.

Entre o período que vai de 1900 a 1902, foi a época das **peregrinações ruskinianas**: visitou Veneza em maio de 1900, na companhia adorável da avó, a Sra. Jeanne Weil; na primavera de 1902, viajou pela França para estudar as catedrais do país, seguido por Antônio Bibesco e outros amigos; e, em outubro, vai à Holanda, de camaradagem com Bertrand de Salignac-Fenelon.

Era o Dr. Bizze o médico a quem habitualmente procurava Marcel, um profissional com muito exercício clínico e, de mais a mais, um amigo da família com quem tinha, por isso mesmo, mais liberdade. Pouco satisfeito, porém, com os resultados precários dos tratamentos prescritos pelo médico assistente e seguidos com fidelidade, andou em busca da opinião de outros profissionais — que é como habitualmente procedem os doentes crônicos: batem a portas diversas na ânsia de encontrar quem lhes alivie o sofrimento pertinaz.

Assim é que foi ouvir o Prof. Albert Robin, membro da Academia de Medicina e que foi nomeado professor de Clínica Terapêutica em 1906. Suas pesquisas no domínio da química biológica e da fisiopatologia o levaram a concepções clínicas e terapêuticas que alcançaram grande interesse na época; assim é que introduziu o emprego dos glicerofosfatos, do jaborandi e, com Bardet, divulgou o uso dos metais coloidais; deu também grande ênfase ao emprego das águas termais.

Dentre as obras que publicou houve grande repercussão a intitulada **Thérapeutique usuelle des praticiens**, em 3 volumes, que manuseei, quando ainda estudante entre os livros de meu Pai: era um trabalho folheado **urbi et orbe** pelos clínicos da época e ainda o foi muito tempo depois. Aconselhou-o o Professor a “conservar a asma como se fôra um exutório, que o colocaria a salvo de outros incômodos, talvez mais sérios”. Isso era como se fosse uma espécie de “abcesso de fixação” ...

Claro está que o paciente não se deu por achado e foi em busca de outros médicos. Ouve os clínicos famosos daquela época: Merklen, que procura tranquilizá-lo e esclarecer-lhe, dizendo que “a sua asma não passava de um hábito nervoso”; Sollier, de quem desconfiou que, ao cabo e ao fim, o que desejava mesmo era retê-lo numa casa de saúde”; bate à porta de Wicart e outros mais, sem contudo alcançar os resultados que

procura, com ansiedade, em benefício da saúde abalada. Depois de uma visita desalentadora ao Dr. Brissaud, escreveu à Sra. de Noailles “ainda escreverei um livro sobre os médicos”!

Mais descoroçoado ainda ficou, quando leu um alentado artigo de Germain Sée, publicado num dos quarenta volumes do Dicionário de Jaccoud... Manuseara-o, com sofreguidão, na biblioteca paterna. Daí, o resultado foi o desânimo e a descrença terapêutica; e passou desde então, a tratar-se de acordo com a própria inspiração... e cometia extravagâncias de todo o tipo, adotava regimes insensatos, submetia-se a tratamentos incoerentes, absurdos. Os soníferos para acalmia das dores sucediam aos excitantes que concediam energias aparentes a sustentá-lo, quando tivesse de comparecer a alguma reunião. Assim é que, escrevera a Elizabeth de Gramont: “cheguei a tomar dezessete xícaras de café para sentir-me com forças de ir a ter convosco ao campo”.

A 26 de Novembro de 1903, falecia o Prof. Adrien Proust vitimado por um acidente encefalovascular hemorrágico. O episódio foi tão súbito e violento que nenhum socorro lhe pôde ser prestado. Encontraram-no em coma cerebral e transportaram-no para a rua de Courcelles, onde faleceu 36 horas mais tarde. Prestaram-lhe grandes homenagens nos funerais, participando do cortejo o Conselho da Universidade, a Academia de Medicina, entre os políticos, Falliers, Barthou, Méline; e, no Père Lachaise, à beira da sepultura, falou o Prof. Debove, decano da Faculdade.

A Sra. Jeanne Proust resistiu ao golpe com serenidade, mantendo a energia que lhe era habitual. Todavia, essa atitude não deixou de causar receio a Marcel, que pôs de lado a *Bible d'Amiens*; ela, porém, interferiu intimativa, obrigando-o a retomar o trabalho, no que atenderia a um desejo paterno.

Em agosto do ano seguinte, saía Marcel numa excursão recreativa pelas costas da Bretanha, no iate de Paul Mirabaud, sogro de Robert de Billy, companheiro seu desde o voluntariado de artilharia, em Orléans. E, ao começo de setembro de 1905, tomava então o propósito de passar as férias na companhia materna. Entre mãe e filho as relações não andavam muito serenas: como refere Painter, eram antes “um misto de afeição e hostilidade”. Quer dizer: não se realizava aquela reunião tão perfeita e íntima, como seria de esperar, agora que a presença paterna estava afastada. Persistiam muito irregulares e caprichosos os hábitos de vida de Marcel; assim é que o comportamento dele se tornara tão extravagante que os dois somente poderiam encontrar-se, quando ela se resignasse a jantar às 23 horas!

Partiram ambos, neste ementes, para Evian, mais por causa da saúde de Marcel do que dela própria. Na aparência, estava recuperada

de um episódio rotulado como nefrite e ocorrido pelo inverno de 1904. Ficara decidido que, ao fim da estação, submeter-se-ia Marcel a uma cura de repouso e com este intento iriam a Territe para consultar o Dr. Widmer — ou então a Berne, para ouvir o Dr. Dubois.

As coisas, todavia, não correram como desejavam. Foi assim que, duas horas após a chegada a Evian, era a Sra. Jeanne Proust assaltada por uma crise de vertigem e vômitos, que Marcel relacionou logo a um recrudescimento da nefrite com o abalo da viagem.

Procurava a doente, todavia, ocultar o estado em que se encontrava; e, no dia imediato, insistiu para deixar o leito e levantou-se, com o auxílio de duas camareiras, deixando-se ficar todo o tempo num divã. A 13 de Setembro foi transportada a Paris e, lá chegando, admitiu o Dr. Robert Proust sinais de melhora da situação, chegando até o Prof. Landouzy a admitir que se atravessasse aquela fase, por certo iria recuperar a saúde. Entretanto, ao fim de alguns dias a morte se aproximou e o Prof. Merklein disse ao filho e colega: “só posso recomendar-lhe uma coisa: paciência e resignação”. A 26 de Setembro, a doente falecia. Pouco antes de morrer, percebendo que Marcel chorava, repetiu uma citação de Corneille:

Si vous n'êtes Romain, soyez digne de l'être
(Horace, II, 3)

A morte da Sra. Jeanne Proust deixou Marcel profundamente abalado. Caiu em grande depressão. Durante um mês, ficou preso ao leito, sem querer receber ninguém. Não cessava de chorar. A insônia o perseguia tenazmente. A Robert Dreyfus escreveu: “Não posso dizer que voltarei a ser feliz. Esta é uma expressão que depois da morte de mamãe perdeu para mim todo o sentido”. E à Sra. Strauss dizia também em carta: “Irei de mal a pior, cada vez mais sinto a falta dos seres que perdi, tudo o que na vida tinha sonhado cada vez mais se torna inacessível”. Numa correspondência com Lucien Daudet, declarava que “não acredita mais na existência da amizade”; a ninguém, porém, atribui a causa, e a explicação disto seria muito longa”. A este propósito, pergunta Álvaro Lins: “Mas por efeito desse desgosto ou dessa doença, ou ainda como um fenômeno simplesmente paralelo, não se teria verificado alguma outra alteração na parte mais íntima e profunda de sua natureza?” E continua: “Esse estado de espírito, por mais terrível que o imaginemos na ordem pessoal, foi-lhe propício e fecundo na ordem estética”.

Entregando-se à leitura dos especialistas franceses em doenças nervosas aprendia que “o inconsciente era responsável, de qualquer sorte, por incomodos que se supunham de natureza orgânica”; e, entre

estes, na informação do Dr. Bruguelmann, estaria a própria asma. Manuseia o livro de Ribot *Les Maladies de la Volonté*, que lhe parecia alcançar direto o alvo. Menciona-os numa anotação feita a *Sésame et les Lys*, com uma referência acrimoniosa ao Dr. Dubois sobre o livro deste, *Les Psycho-névroses ...*

Foi nessa ocasião que um amigo lhe recomendou que fosse à consulta do Prof. Dejérine. Atendeu ao conselho. Assegurou-lhe o mestre que o deixaria curado ao fim de três meses, porém havia de ser em completo isolamento. Por todo aquele período, manteve Proust um quarto individual, a expensas próprias, na Casa de Saúde das Irmãs da Sagrada Família, da qual era diretor o próprio professor. Protelava o internamento, até que houve por bem consultar o Dr. Sollier, que muito gentil e maneiroso acabou por convencê-lo de que era indispensável — para ficar na realidade curado — a permanência no Sanatório de sua propriedade, em Boulogne-Billancourt. Anuiu o doente, seduzido pelas promessas do médico. Terminadas as seis semanas estipuladas para a cura, voltava para a casa, em 20 de Janeiro de 1906, com os mesmos sofrimentos. Depois de uma breve estadia no Hotel des Réservoirs, em Versalhes, muda-se a 27 de dezembro para o bulevar Haussmann, 102 e comunicando aos amigos que poderiam visitá-lo entre as dezessete e vinte e duas horas, o que foi considerado “um grande progresso”.

Esta pergunta surge sempre: Como se comportavam em relação ao doente os familiares que eram médicos? E os amigos que o cercavam?

Estes não o tomavam a sério nos sofrimentos alegados. Para a Sra. Strauss, que foi uma das primeiras e mais íntimas amigas, ele nunca foi doente: era **maluquice**. Montesquiou, que foi seu **primeiro mestre**, escreveu-lhe, certa feita: “Você tem boa saúde para as coisas que lhe agradam”. Mais ou menos semelhante a esta conjectura é a opinião de Bertrand de Fénelon ...

Quanto à família, ninguém levava a sério as queixas de Marcel. A voz geral era que as lamentações não passavam de frutos da imaginação. O pai, cioso da autoridade doméstica, não aceitava as transgressões dos hábitos familiares; de outra parte, não concordava também com a submissão aos caprichos de Marcel, que entravam em choque com as doutrinas que professava e que fazia adotar em toda a parte. Acabou por ausentar-se dos problemas, visto como não tinha condições para resolvê-los. Sua alma, sua palma. E, se era assim, para que então sacrificar a tranquilidade do lar? E procurou racionalizar, admitindo que toda aquela encenação não passava de fantasias temperamentais do filho; e, portanto, melhor fora não alimentá-las, atribuindo-lhes uma importância que não deveriam merecer; de mais a mais, esta posição estaria minimi-

zando, perante a sociedade, o aparente sofrimento do filho. Na realidade, as relações entre ambos habitualmente nunca foram tranquilas. Marcel continuava a não demonstrar inclinação alguma para uma profissão lucrativa; e isso irritava o professor, visto como não admitia o desejo manifestado pelo filho de consagrar-se à literatura, o que a seu ver era um simples pretexto para desfrutar a vida mundana, que tanto lhe apetecia. Apesar disso, fez o professor um grande esforço sobre si mesmo e transigiu, convidando à sua mesa homens de letras que pudessem orientar a inclinação do primogênito. E, assim, teve entre os comensais Abel Bonnard, Louise Hervieu, Abel Hernant, Alfonse Daudet, Henri de Régnier, Anatole France, Henri Lavedan, René Doumic...

Para a Sra. Proust grande era a contrariedade com esses desentendimentos; porém, a sensatez e a fidelidade aos deveres de esposa faziam-na com que se violentasse para secundar as opiniões do marido. Depois do casamento de Robert, a situação se tornara ainda mais desagradável. Marcel deixara também de lado as amizades do Condorcet e somente se aproximava agora da juventude da alta roda, como Antônio Bibesco, Albufera, o Barão Henrique de Rothschild, Mathieu de Noilles, Robert de Montesquiou, o barão de Doazan ...

O irmão dedicava-se de corpo e alma à Cirurgia, e não tinha as condições necessárias para penetrar as finezas do problema clínico que Marcel constituía. Robert alcançou realmente nos domínios da Cirurgia uma posição de relevo singular. Foi Cirurgião dos Hospitais de Paris e, depois, professor da Faculdade de Medicina. Robert e o pai eram temperamentos mais afins, o que se entende perfeitamente. Foi tão grande na Cirurgia quanto pai o fora em Higiene; como o pai, recebera também a Legião de Honra.

— Outro ponto a taldar a atmosfera familiar eram as despesas excessivas e injustificáveis de que se comprazia o jovem Marcel. Não admitiam os pais que se desprezasse o valor do dinheiro; e era isso justamente o que ocorria com o filho mais velho, que não punha tino em despesas — aquela inclinação às demonstrações faustosas, e às prodigalidades de nababo. Isso posto, sem insistirmos no comportamento irregular, pelas infrações aos rígidos padrões de moralidade, em que a família se habituara a pautar a própria conduta.

Marcel Proust era, evidentemente, uma personalidade anormal. As reações vivenciais são significativas; não somente externas, como nos conflitos íntimos. Em contínua tensão nervosa, sempre com o temor de imprevisíveis acessos de asma, o que alimentava a ansiedade intercalar, eis um quadro que se tornou irreversível, como anotou o Prof. Soupault. Acrescente-se a isso o melindroso problema do homossexualismo... Álva-

ro Lins, que estudou em profundidade a obra de Proust, escreveu que este "ou não foi homossexual, ou se flagelava a si mesmo por intermédio da arte". E assinala que "Marcel Proust foi o primeiro romancista em atravessar, deixando-as abertas ante o leitor, todas as portas de Sodoma e Gomorra; Balzac as tinha apenas entreaberto num dos volumes da *Comédie humaine*. E ao tema deu Marcel Proust um tratamento exclusivamente literário".

Afirmou André Gide que o romancista ter-lhe-ia dito haver inscrito em *À l'ombre des jeunes filles en fleurs* "tout ce que ses souvenirs homossexuels lui proposaient de gracieux, de tendre et de charmant, de sorte qu'il ne lui reste plus pour Sodome que du grotesque et de l'abject". E Maurois comentou que Marcel exibira, durante a mocidade, sentimentos ardentes pelas mulheres, porém não deixou de confessar que os andróginos usam a máscara como proteção contra a hostilidade social a tal comportamento.

É provável que, desde cedo, tivesse Proust já sentido a tendência homossexual. Enquanto viveu, disse-o Peter Quennel, foi o escritor um homossexual; e isso é um fato que não poderemos esquecer, nem ocultar, quando consideramos a força de seu gênio criador. Já se disse também que ao analisar o perfil de uma jovem, tinha o pensamento num rapaz e que seus personagens femininos nada mais eram que o véu para ocultar seus interesses reais, o que porém contesta aquele autor acima referido. Em certos casos, como no de Albertina, pode-se admitir uma certa ambigüidade. Assim é que o Narrador confina a amante em seu próprio lar, e lhe confia a custódia à dedicada Françoise — atitude que não é fácil de aceitar em relação a uma jovem, comenta Quennel, que até então mantinha um padrão de vida "fairly conventional" e conservando sólidas relações com a classe média.

Todavia, posto a *Prisioneira* descrita num dos últimos volumes tenha sido, com toda a probabilidade, um cativo do sexo masculino — e, como é sabido, tivera Proust no fim da vida hóspedes masculinos, que os visitantes por vezes vislumbravam esgueirando-se na penumbra dos quartos — jamais deixou o escritor de amar as mulheres e prestar-lhes românticas e apaixonadas homenagens. Assim é que cortejara a encantadora atriz Louise de Mormand, a qual depois ficara profundamente magoada, quando suspeitou que seus traços tinham sido aproveitados para o retrato desolador de Odette de Crécy; e, entre as relações aristocráticas, pode-se mencionar a condessa Adehéaume de Chevigné, cuja voz roufenha, perfil de pássaro, maneirismo, e elegância, atribui à maravilhosa Oriane de Guermantes. Por algum tempo também, sentiu-se atraído pela Srta. Jeanne Pouquet, futura esposa de seu amigo Gaston de Caillavet; assim também, quanto a uma jovem desconhecida que

encontrara em Cabourg, quando o atraía o “pequeno grupo” das **raparigas em flor ...**

Analisando a etiogenese da homossexualidade, vem a propósito lembrar que alguns pesquisadores, como referem no tratado de Psiquiatria Clínica, Mayer-Gross, Slatter e Gross, aceitam um vínculo emocional particularmente íntimo intenso com a mãe, somado a um pai não atraente, antipático exerça certa influência na formação da personalidade do homossexual. Um estudo de West mostrou que a combinação de “um relacionamento exageradamente intenso com a progenitora e um insatisfatório com o pai era muito mais comum entre os homossexuais do que entre os pacientes tomados por testemunho”. Numa interpretação psicanalística, o homossexualismo refletiria “uma deformação no desenvolvimento da personalidade, tendo a escolha anômala do objeto de amor sido determinada pelo temor da castração; portanto, “poder-se-ia considerar tal anomalia como se fosse uma face do distúrbio neurótico”.

Naquela época, fora a asma considerada também “uma **neurose** que se caracterizava por crises de dispnéia espasmódica, acompanhada na maior parte das vezes por distúrbios secretórios na mucosa das vias aéreas”; e ficava atribuída a causa predisponente ao neurartrismo e ao clima, responsável pelo agente desencadeante.

É, hoje em dia, doutrina corrente que a asma é a mais importante das expressões clínicas da alergia, não se deixando outrossim de atribuir grande valor ao fator psicossomático. Descreve-se uma **personalidade asmática**, a oferecer como traços gerais a irritabilidade e a prontidão na resposta, aliadas à falta de confiança, submissão e ansiedade. Estuda-se “um inventário multifásico na personalidade do asmático”.

Muitos observadores assinalaram o clima familiar emocional, que se distinguiria pela dependência materna muito acentuada, “over-protected child”, a provocar um conflito, quando impulsos agressivos ou sexuais ameacem romper este relacionamento. O estímulo para a dependência exagerada originar-se-ia, ou como uma certa produção do temor infantil à rejeição materna, ou em consequência da avidez familiar no sentido de a criança assumir uma independência prematura. O ataque representaria, simbolicamente, um protesto contra a separação materna, bem como o desígnio de restabelecer tais relações através do pranto; o acesso, portanto, seria considerado como um equivalente do choro reprimido. A hostilidade contida será, então, liberada através de um somatização, que é a crise asmática. Assim, naqueles pacientes de constituição alérgica, que têm o problema inconsciente de rejeição, os fatores que despertam as crises asmáticas são exatamente aqueles que a criança elabora como novas ameaças à própria segurança individual.

— E a doença continua na marcha inexorável, a seguir a estrada do enfisema; é a dispnéia presente ainda nos intervalos das crises, que se vão tornando cada vez mais próximas. Montava-se um cenário, como escreveu o Prof. Soupault, em que durante 20 anos dialogaram a doença e o doente. Era a vida de sofrimentos do asmático enfisematoso. *O aspecto físico retrata o quadro clássico. Basta contemplar-se nas fotografias do escritor, durante os últimos períodos, como por exemplo aquela tomada nos jardins do Jogo da Pela em que o dândi enverga um fraque elegante: o tórax distendido e as espáduas elevadas, com o aspecto clássico em tonel, a cabeça lançada para trás, como a de quem procura sorver o ar em largos haustos. Noutra fotografia, tomada no quartel de Orléans, pode-se notar a deformação nasal, conseqüente de uma queda, quando menino, e a que alguns atribuem também o papel de espinha irritativa nos acessos asmáticos.

Todavia, apesar dos sofrimentos, continua Proust a trabalhar; e, a 14 de julho de 1913, aparecem nas livrarias os exemplares de **No Caminho de Swan**. Seguiu-se um período de grandes sofrimentos afetivos: Alfred Agostinelli, de quem se apaixonara, acabou por suicidar-se, mergulhando com o pequeno avião que pilotava nas águas da baía de Antibes. Em outubro de 1919, deixou o apartamento do bulevar Hausmann, que há trinta anos pertencia à família. Vendera-o a tia Amelie Weil, viúva do tio Georges, ao banqueiro Varin-Bernier. Instalou-se, então, em caráter provisório, na rua Laurent Pichat, ficando na companhia da atriz Réjane. Por fim, mudou-se a 10 de Dezembro para a rua Hamelin, nº 14, a ocupar, no quinto andar um aposento já mobiliado. Achava-o detestável. O quarto de dormir era escuro e com o báfio pesado e áspero que as fumigações distilavam; quando se entrava, ficava-se com a impressão de penetrar numa catacumba — diziam os que freqüentavam. Foi ali que concluiu corrida contra o Tempo...

Pesadas cortinas não lhe deixavam entrar a luz do dia. Ao lado da janela, um grande piano de cauda, pejado de livros em desordem; as paredes forradas de cortiça para evitar ruídos do exterior. Na mesa de bambu, ao lado do leito, vários frascos de remédios. Recebia os amigos deitado na cama e enrolado em cobertores e chales de lã. Ora, a poeira domiciliar é o mais importante alérgeno inalável. Seu extrato antigênico causa, quando testado em pele de doente atópico, intensas reações locais.

Quando saía à rua, era impressionante o aspecto que apresentava o escritor. Informou Edmond Jaloux que, em 1917, dava Marcel a impressão de que saía de um pesadelo... Túmidas e caídas pálpebras, os olhos cercados duma orla escura, o tórax arqueado, a marcha lenta e arrastada, eis como o descreveu Antoine Adam, na época. Neste entremeio, teve Marcel uma grande satisfação; a 10 de Dezembro de 1919, alcançava o "Prêmio Goncourt" para **A Sombra das Raparigas em Flor**, por 6 votos contra 4, vencendo no pleito com Roland Dorgelès, que publicara um

romance sobre a Guerra Mundial, intitulado *As cruces de Madeira* e alcançara grande repercussão. Pouco tempo depois era condecorado com a Legião de Honra, na mesma ocasião em que o fora também a condessa de Noilles, com a qual convivera na alta roda, durante a juventude. Esse inesperado acontecimento lhe trouxe grande alegria.

Em maio de 1921, Paris em peso corraera a ver a exposição de pintura holandesa, no Jogo dá Pela, em que se expunham dous dos principais quadros de Vermeer. Proust lera nos jornais a opinião de Leon Daudet, Vaudoyer e de Clotilde Misme sobre o pintor; e decidiu-se, num dos últimos dias do mês, a apreciar as telas, para o que solicitou o auxílio de Vaudoyer. Foi à exposição com passos vacilantes; e, apoiado pelo amigo aproximou-se e examinou, extasiado, a "Paisagem de Delft". Nessa ocasião sentiu-se muito indisposto, assaltado ao descer a escada por uma vertigem assustadora.

— Nos dias 2 e 3 de setembro de 1922, passava Marcel muito mal de saúde. Tinha crises de asma fora do comum. Em consequência da gravidade dos acessos, provavelmente desencadeados por processo infeccioso depreciado, surgiram, no dia 4, manifestações de acidose respiratória, com o quadro de uma encefalopatia metabólica; obnubilação, asterixia, perturbações sensoriais, da marcha e da palavra. A Jaloux e a Curtius dissera, após o acidente: "fiquei sucessivamente privado da palavra, da visão e do movimento"; e, acrescentou em carta a este último: "é preciso que não haja medo ao avançar de mais porque a verdade está mais adiante". Acrescenta-se ainda àquele quadro a ocorrência provável e possível de acidose metabólica, em consequência de lesão renal crônica e uso abusivo de drogas. Tal combinação não é rara no trânsito diário da clínica, em condições em que ocorrem grave insuficiência ventilatória e circulatória, como era provável que estivesse sucedendo. A hipercapnia que se combina com uma acidemia láctica, por hipóxia, podem juntas condicionar esta grave acidose. Marcel, desde o ano anterior, vinha apresentando certos sintomas que o faziam evocar a uremia crônica da qual morrera a progenitora; e, com isso, o sentimento de culpa se aguçava para castigar-se com a própria destruição. Numa inspiração pascaliana, o criador de Charlus e dos Guermentes queria transformar a existência em "punição contínua para redimir-se das ofensas que tivesse cometido". Compreendia, outrossim, que a doença fora a oportunidade que estava sendo oferecida a um homem genial. Por isso, em meio a sofrimentos atrozes, sem esperança alguma de curar-se, procurou racionalizar a dor com uma resignação oriental. A Dama Negra vigiava-lhe os passos. Entretanto, nada o impedia de trabalhar. Continuava na faina de sempre. Corrigia todas as noites as provas de *A PRISIONEIRA*, ainda quando o zumzum dos estertores apagava o ruído da pena que corria sobre o papel. A 20 de setembro, já andava pela quarta revisão. O quarto não era mais aquecido, porque acreditava que um escapamento da

chaminé o estaria prejudicando com as emanções do óxido de carbono. Alimentava-se mal e outras vezes ficava em jejum, desde quando lhe informaram que assim a inteligência estaria mais viva e mais pronta. O Dr. Bize andava irritado com esse comportamento e prescrevia injeções de Èvatmina para a asma e o extrato de cola como estimulante para o coração. Admoestava-lhe que era uma loucura tal procedimento. Entretanto, o paciente fazia ouvidos de mercador e não lhe dava a menor importância às reprimendas.

Assalta-nos agora a mesma interrogação de Pauline Newmann: “Como é que este homem, sossobrando numa doença incurável, exilado num quarto atravancado, escuro, difícil de aturar com o cheiro das fumações, foi capaz de um esforço intelectual de tamanha envergadura? — Decididamente, era um gênio! ...

Em começo de outubro de 1922, deliberou sair, numa noite de nevoeiro, para ir visitar Etienne de Beaumont. Apanhou um resfriado que a princípio parecia não ser coisa de maior importância. Tanto foi assim que, recusando qualquer tratamento, continuava a trabalhar, noites a fio, para retocar **Albertina Desaparecida**. Não queria saber de médicos. A 15 de outubro, porém, a febre o abatera tanto que não podia mais escrever e, então, consentiu em admitir a presença do Dr. Bize. O facultativo achou que não havia motivos para receios; mas, era indispensável que interrompesse o trabalho e que se alimentasse de modo conveniente. “Nestas condições, prometo curá-lo em 8 a 10 dias”. Foram suas palavras. Evidentemente, o Dr. Bize, em que pese toda sua argúcia profissional, não se dava conta da seriedade da situação. Nem o paciente atribuía a menor atenção às recomendações que lhe eram feitas. Continuou a jejuar; e, durante o dia, ou tomava a cerveja gelada que Odilon Albaret ia buscar ao Ritz, ou um pouco de leite e algumas frutas. A temperatura continuava a elevar-se e a tosse não dava tréguas. “Celeste, dizia-lhe o enfermo, sei que desta vez vou morrer; quem dera se pudesse ainda terminar meu trabalho! Prometa-me, Celeste, que quando eu não tiver mais forças para opor qualquer resistência, e os médicos quiserem dar-me injeções, V. não o consentirá...” Fê-la jurar que cumpriria o pedido. Na tarde do dia 19, sem respeitar a febre, tomou a decisão de ir à rua; mas, tão logo saiu como voltou, eis que lhe fugiram as forças e teve que retroceder, enregelado até os ossos, tiritando de frio e sacudido por uma crise incoercível de espirros. Nesta noite, foi-lhe impossível trabalhar. No dia seguinte, Celeste chamava o Dr. Bize que, solícito como sempre, compareceu e perseverou nas recomendações anteriores. Marcel, entretanto, não deu maior atenção e continuou em grande atividade, a escrever aos amigos cartas extensas, consultando sobre vários assuntos. A 24 de outubro, lançava-se à correção e modificações no texto de **Albertina Desaparecida**, — trabalho que o absorveu até o dia da morte.

Em 8 de novembro, diagnosticou-lhe o Dr. Bize uma pneumonia

— episódio com que já contava o doente. Sentia-se o médico, sem dúvida, desamparado e carecedor de concurso valioso, e por isso apelou, timorato e apreensivo, para a colaboração do Prof. Robert Proust, a quem assistiria a dupla responsabilidade de profissional categorizado e de irmão. Este logo acudiu e fez todo o possível para convencer o doente a que se internasse numa casa de saúde, recomendando-lhe a Clínica da Rua Piccini, dirigida por Dr. Louis Lamy. Tudo em vão, porém: estala violenta alteração entre ambos, protestando irritado o doente que jamais abandonaria aquele quarto e outra enfermeira não admitiria que não fosse a Celeste. Quando consternados já se haviam retirado os visitantes, disse a Celeste que não queria mais ver ninguém; nem médicos, nem amigos... “Fique junto a meu quarto e permaneça vigilante”. Selada estava a sorte de Marcel...

Naquela época, há meio século atrás, andavam muito distantes os conhecimentos clínicos do que hoje se sabe e pratica em tais emergências. Então, a terapêutica era limitada, na asma, à prática de emissões sanguíneas, aplicações de ventosas, ao emprego de alcalinos, atropina, quinina, não ficando omitidas as fumigações, que tão desagradável tórnavam o ambiente no quarto de Marcel; e, para o estado infeccioso, os amoniacais, diaforéticos e antitérmicos, — as compressas úmidas, imersões alternadamente em água fria e quente, injeções de óleo canforado, a esparteína, a cafeína e o atroz abcesso de fixação...

Hoje em dia, o tratamento da asma se baseia em conceitos mais lógicos, inspirados nos estudos sobre a broncomotricidade; e na análise dos gases sanguíneos, na concentração hidrogeniônica, — em situações graves; bem assim, nos elementos alergológicos e pneumológicos. A outra face do problema está no tratamento etiocrático, a dirigir-se para os fatores alérgicos e infecciosos específicos, à repressão da insuficiência respiratória... Naqueles tempos, não se conheciam ainda os antibióticos, as sulfas — e, nem por sombra, havia uma idéia da importância que têm os distúrbios hidroeletrólíticos; a gasometria arterial, repetimos — a respiração assistida — o comprometimento da função renal na hipercapnia crônica, situação esta que perseguia a Marcel. O melhor conhecimento dos fenômenos fisiopatológicos é que permitiram, agora, as grandes conquistas da terapêutica.

É do conhecimento geral que na pneumonia, quando esta não é tratada de modo conveniente, a temperatura mantém-se elevada, sem remissões, para terminar a súbitas, **em crise** — depois de uns sete a dez dias — com sudorese abundante, resolução do foco inflamatório e recuperação rápida do estado geral do paciente. Isto nos casos felizes. Naqueles em que ocorrerá uma terminação fatal, haverá de suceder um extenso acometimento pulmonar e daí a decomposição do estado geral, delírio e, afinal, colapso circulatório, ou insuficiência cardíaca irremovível. Por vezes, antes deste episódio final sucede uma fase de aparente

melhora que pode durar alguns dias, para sobreviver depois o êxito letal, que em muitos pacientes é coincidente com um empiema, ou outras complicações supurativas. No caso de Proust ocorreu, justamente, uma dessas fases de aparente defervescência, entre os dias 16 e 17 de novembro.

O doente se sentia melhor e mandou chamar o irmão com o qual conversou por longo tempo. A certa altura, disse a Robert: “se conseguir vencer estes cinco dias estarei certo da natureza de minha doença e provarei aos médicos que ainda uma vez estavam errados, quando queriam impedir-me de trabalhar. Marcel tinha um teiró com a medicina, apesar de irmão e filho de médico. Considerava-a “um compêndio de erros sucessivos e contraditórios dos médicos”. E acrescentava que “acreditar na Medicina seria a suprema loucura, se não fosse maior ainda nela não acreditar, porque deste acervo de erros se desprendem afinal de contas algumas verdades”. E comentou, gracejando com a dedicada Celeste: “resta saber se atravessarei estes cinco dias”. Nesta noite, trabalhou até tarde, corrigindo provas. Sentindo que o fim estava próximo, passou a ditar a Celeste, ofegante e com as forças exauridas, as últimas vontades. Afinal, querendo reconciliar-se com a religião católica, na qual fora batizado e confirmado, pedia que chamasse o bondoso Mugnier — que era o apóstolo do bairro de Saint Germain — para rezar-lhe à cabeceira o ofício dos agonizantes; e, em suas mãos cruzadas, pusesse o rosário que a Sra. Lucie-Felix Faure Goyau lhe trouxera de Jerusalém. O sacerdote, pobre e humilde, era o catequista do bairro de Saint-Germain, como fora São Paulo o apóstolo dos gentios e o Padre Damião, entre os leprosos de Molokai. O abade freqüentava o apartamento de Proust e Celeste Albaret refere que não lhe podia esquecer as profundas reflexões. Era uma santa criatura, comentou Georges Painter. Sentindo que a morte se aproximava quis Proust aproximar-se da Igreja, cujos ofícios acompanhara, no mês de Maria em Illiers e cujos representantes e catedrais defendera com brio nas horas sombrias da política anticlerical de Émile Combes.

Pela madrugada, porém, o estado do paciente continuou a agravar-se. Mostrava-se a consciência deprimida, manifestando-se intransigência, mal-estar, desorientação, alteração da conduta, alternando-se períodos de inquietação e sonolência. Via em torno de si a Dama Negra gigantesca e atroz. Respirava com grande dificuldade. Celeste não desviava o olhar daquela face exangue, em que a barba crescida acentuava a palidez das feições, evocando um Cristo de El Greco, como num desenho o representou Dunoyer. O olhar tinha tal intensidade que parecia penetrar no invisível. Notificado no Hospital em que se encontrava, chegou Robert, imediatamente; e, logo após, o Dr. Bize. Disseram então que o abscesso do pulmão ter-se-ia rompido.

Essa afirmativa não é assim tão fácil de aceitar. Não há elemen-

tos na descrição clínica que justifiquem tal diagnóstico. Rompendo-se o abscesso na árvore brônquica teria de ocorrer uma súbita e copiosa expectoração, a vômica, — uma expulsão de líquido purulento, que não poderia passar despercebida a ninguém. Esta vômica maciça é precedida por acessos de sufocação e quintas de tosse, o que não foi registrado no caso. Ademais disso, a expectoração, com a drenagem livre, continuaria bafienta e abundante, preocupando os circunstantes. Nada disso ficou assinalado. Se o abscesso tivesse rompido para o espaço pleural, haveria de ocorrer então dor torácica muito violenta, precedida dum grave embaraço respiratório, de grande prostração; e não era possível que, ao exame objetivo do paciente, tivesse escapado a clínicos hábeis e experimentados os sinais clássicos de um piopneumotórax: a imobilidade do hemitórax distendido, a hipersonoridade, a supressão das vibrações vocais, enfim a síndrome ânforo-mélica. Nada disso, Marcel Proust morreu, evidentemente, em estado de choque endotoxínico, isto é, bacteriano — e cuja alta letalidade só compete com a do choque cardiogênico, no enfarte do miocárdio. Esse acidente é uma complicação das infecções por germes gram-positivos, entre os quais se encontram os pneumococos. O espetáculo final dos sofrimentos de Proust é dos mais sugestivos. A alteração da personalidade, a conduta insólita, a agitação permanente, a dispnéia configuram o quadro clínico do choque septicêmico. É a diminuição no rendimento cardíaco e a intensa atividade simpática a aumentar a resistência vascular periférica; e, daí, vem a queda na perfusão dos tecidos e, portanto, a hipóxia, isto é a reduzida oxigenação celular — a grave acidose metabólica. Além do efeito lesivo à função miocárdia pelas toxinas, acrescenta-se também a abertura de curtos-circuitos artério-venosos no pulmão, que ainda mais estorvam a oxigenação conveniente do sangue e, portanto, agravam a hipoxemia. A hipoventilação é a consequência da alcalose respiratória que se instala. E a morte, por fibrilação ventricular, ou parada cardíaca, é o coroamento final de todos esses eventos.

É fácil compreender como tivesse isso escapado aos médicos que assistiam Marcel Proust, desde quando a magistral monografia de Wiggers sobre o choque, somente foi publicada na América, em 1950. Entretanto, a conceituação médica sobre o estado de choque já se formulara desde 1867, com o trabalho publicado por E.A. Morris; e o período experimental já se iniciara desde 1899, com os trabalhos de George Washington Crile, eminente cirurgião de Cleveland. O que é, porém, menos fácil de compreender, é não ter havido a menor referência a exames complementares triviais, já correntios naquela época. Assim, uma simples bacterioscopia da expectoração mostraria a presença de diplococos lanceolados, o que daria uma indicação no sentido da especificação no diagnóstico. Pasteur e Sternberg já tinha isolado aquele germe desde 1881! O curioso nisso é que o próprio Marcel não ficava indiferente a tais conhecimentos. Tanto é assim que, na noite de 19 de outubro, quando saíra pela última vez à rua, não o fizera sem antes ter escrito a

Jacques Rivière — um amigo dedicado, mensageiro das provas tipográficas para a N.R.F. — no sentido de obter do irmão, professor na Faculdade de Bordeus, “algumas informações reservadas sobre assuntos de Medicina”. E, a 25 do mesmo mês, respondia-lhe o Prof. Marc Rivière no seguinte teor: “chamam-se cocos uns micróbios quase puntiformes, um tanto ovóides. Quando se apresentam aos pares, chamam-se diplococos; em cadeias, são os estreptococos; e, em racemos, temos os estafilococos. **Pertencem os pneumococos à classe dos diplococos e podem ser encontrados na expectoração**” (o grifo é nosso). Com a perspicácia de Proust não é descabido conjecturar o motivo oculto da sindicância. Nas referências, sem dúvida minuciosas, desta fase final de Proust não há indícios de que se haja efetuado nem esta, nem outras pesquisas da rotina clínica, tais como exames hematológicos, a verificação da azotemia, ou de albuminúria, que na época já eram também correntias. É lícito supor que se houvesse referências a esses exames teriam sido alegados, eis que a minudência dos biógrafos e comentadores desceu algumas vezes até o traslado de fatos com secundária importância. Não consta a presença de um laboratorista entre os médicos que o acompanharam... Perdoe-nos a paciência do leitor se extranhemos não encontrar-se, no episódio final, o registro alguma vez da pressão sanguínea. No entanto, já era vulgar na época o emprego do oscilômetro de Pachon ou de esfigmomanômetro de Riva-Rocci para tais mensurações e com os quais já me familiarizava em meu período de estudante, no internato hospitalar. E a radiologia clínica a esse tempo já fazia grandes progressos na França, com os ensinamentos de mestres notáveis como Barjon e Béchère...

Uma coisa é importante: não se veja nestas considerações uma censura ou crítica, nem ainda menos o caráter polêmico; mas, apenas, despretensiosas anotações e simples conjecturas, quiçá inoportunas, de quem ficou apenas a conversar com seus botões...

Muito grave, no dia 18 de outubro, era o estado de Marcel, a dispnéia intensa. Não remitia. Agitava-se continuamente. Celeste, ao lado da cama acompanhava-lhe todos os movimentos, procurando adivinhar as menores coisas e antecipando-se na satisfação de todos os desejos. Há várias semanas não repousava. Desesperava-se por ter infringido as ordens de Marcel e assistia impotente o desfilar inútil de medicamentos, balões de oxigênio, seringas. Súbito, o doente, naquele desassossego, estende aflito os braços para fora do leito. Parecia-lhe estar a ver no quarto a mulher descomunal e hedionda que se aproximava: “Celeste! Celeste! — gritava. É horrível, monstruosa. Vem toda de preto! Estou com medo”. Socorreu-lhe o Dr. Bize, a aplicar uma injeção, enquanto Celeste segura o braço do enfermo que, olhando para ela, exclamou: “Oh, Celeste, para quê?” E cravou-lhe as unhas no punho com tal violência que fez o sangue escoar. A certo momento, todos correram e acercaram-se do leito. Roberto, que o amparava, levantou-lhe

ainda os travesseiros e perguntou ansioso: “Estou-lhe incomodando, meu caro; faço-o sofrer?” E, com voz sumida, respondeu o moribundo: “sim, meu querido Robert!” Eram quatro horas da tarde. Os olhos estavam desmesuradamente abertos e, num fio de voz, apenas murmurou: “Mãe”... Tudo terminara.

O mais belo e sincero comentário sobre a morte de Marcel Proust está nas palavras do próprio irmão: “Entregou-se de corpo e alma à sua obra, e fora desta não via a existência, de forma alguma admitia o direito de ter um pouco de repouso, antes que terminasse aquele extenuante labor. Mas, aí somente o terminou para morrer, sacrificando-se integralmente à consciência do escritor”.

NOTAS

(1) Robert Proust nasceu em 25 de maio de 1873, quase dois anos depois de Marcel, na mesma casa em que o irmão veio ao mundo e não, como escreveu Georges D. Painter, na casa do bulevar Malesherbes. Ao contrário de Marcel, era o recém-nascido uma criança robusta e sadia.

(1) Eis a fórmula para o preparo da *madeleine*, segundo *L'Art Culinaire Français*: amolecer numa terrina 75 gramas de manteiga de boa qualidade (não derretê-la); bater durante 10 minutos para misturá-la com 100 gramas de açúcar; em seguida, adicionar um ovo inteiro e bater por três minutos; acrescentar outro ovo e bater ainda durante três minutos; e, por fim, um terceiro e último ovo. Bater um pouco e, depois, misturar na massa, com uma colher, 100 gramas de farinha de trigo e mais meia colher de café de fermento; perfumar com flores de laranjeira, ou perfume similar. Assar em formas untadas com manteiga e esfarinhadas, durante 8 a 10 minutos, de acordo com o tamanho das formas. Consigna a história da pastelaria que foi Avice o artífice desta iguaria, quando trabalhava a serviço do príncipe de Talleyrand; mas, há também os que asseguram ter sido há mais tempo conhecido o acepipe, em França, sendo realmente originário de Commercy, capital da circunscrição do Mosa; era conhecida em Versalhes, por 1730. Para completar as informações sobre *madalena*, apresentamos aqui uma versão baiana que me foi oferecida por D. Nancy Marback: “Açúcar em quantidade igual ao peso de seis ovos; farinha numa parcela igual ao peso de 4 ovos e manteiga numa porção igual ao peso de 2 ovos. Bater muito bem a manteiga com o açúcar; juntar as gemas, batendo sempre; as claras, em ponto de neve; e, por último, a farinha e uma colher de chá de fermento. Assar em forminhas untadas e passar em açúcar fino, depois de assadas”.